

Através da janela

O que esperar do amanhã?



colégio
BAGOZZI
REDE OSJ

APRESENTAÇÃO

Incentivar a produção escrita e valorizar a criatividade dos educandos, possibilitando a exposição de suas ideias e visão de mundo através da literatura. Essas foram as principais motivações para produzirmos o Concurso Literário. Apresentar ao público os talentos dos alunos do Colégio Padre João Bagozzi. O protagonismo do aluno de que tanto falamos, pelo qual tanto lutamos, sendo colocado em evidência.

Este e-book apresenta histórias criadas por jovens escritores com um talento nato. Não há como negar, somente isso pode justificar tamanha facilidade na escrita. Ela flui tão naturalmente, como o respirar, o caminhar, como olhar através da janela...

Evidencia-se, também, o resultado de bons hábitos, um conhecimento de mundo adquirido através da leitura, estimulada pela família. Pudemos constatar isso, através da observação do repertório vocabular escolhido, das construções linguísticas e das conexões feitas com a realidade.

Ao escrever, nossos alunos compartilham um bem. Libertam o que pensam, o que sentem, as coisas em que acreditam. É um momento confessional, em que a folha do papel recebe seus pensamentos e convicções, sem julgamentos.

Os leitores, certamente, irão emocionar-se a partir da identificação com as histórias apresentadas. Alguns relembraão o tempo em que pensavam exatamente assim, no entanto, a maturidade e as responsabilidades trouxeram novas reflexões. Outros podem sentir-se motivados a tentar algo novo, a ressignificar uma crença, inconformar-se com uma realidade, apreciar o teor artístico e a originalidade das obras apresentadas.

O tema gerador “Através da Janela – o que esperar do amanhã” instigou nossos educandos a refletir sobre as muitas possibilidades que o amanhã nos oferece, e de como a vida pode ser efêmera e preciosa. Um tema, que a princípio, remete ao futuro, despertou inquietações para o momento presente, um senso de responsabilidade e urgência.

Felicitemos os alunos Sofia Mia Fonseca, João Pedro Medeiros Becker, Izabel Klaumann Bescorovaine e Giovanna Wolter Cioffi pelo excelente desempenho no concurso e por terem recebido a premiação de 1.º lugar em suas respectivas categorias.

A todos os participantes do Concurso literário - 2021, deixamos registrada nossa gratidão por aceitarem o convite de escrever e por, tão corajosamente, saírem do casulo que os protegia, apresentando seus talentos para a sociedade.

Deixamos, aqui, nosso profundo agradecimento a todos que acreditaram e construíram esse projeto conosco.

Muito obrigada!

Carla Viccini e Elaine Minami.

ARTE NA VIDA, ARTE NO CORAÇÃO Alice dos Santos Paulo	4
ATRAVÉS DA JANELA: O QUE ESPERAR DO AMANHÃ Matheus Tonial	8
DIÁRIO DE MOLLY, COMO SUPERAR? Sophia Mariah Garcez	10
AS PERCEPÇÕES DE UMA GAROTA UM POUQUINHO CURIOSA Clara Machado Theodoro	14
A JANELA DO AMANHÃ Bruna Leticia Dainez.....	16
CORAÇÃO COM CORDAS DE UMA GUITARRA Bianca Pizzolato.....	19
PERSISTÊNCIA Manoela Postale Alves.....	20
CAÇADOR DE MALDIÇÕES Amanda Olicheski dos Santos	22
O MENINO DA JANELA Kenji M.Macedo	23
O QUE É NECESSÁRIO? AMOR? ESCOLHAS? PARA QUÊ? Fernanda Manzolli Sobrinho	25
A MUDANÇA COMEÇA POR MIM André Foletto.....	28
O FUTURO DO PRESENTE Carolina de Moraes Binder	30
A RESPOSTA ESTAVA DENTRO DE SEU CORAÇÃO Livia Giorgia Fadel Ferreira dos Santos.....	33
EXPERIMENTO Giovanna Wolter Cioffi	35
ATRAVÉS DA JANELA: O QUE ESPERAR DO AMANHÃ? Ana Julia Siqueira de Campos	38
JANELAS DE UMA CASA Andrei Neister Grzechechen.....	40
UMA ALMA GÊMEA QUE NÃO ESTAVA DESTINADA A SER Beatriz Franco de Godoy.....	41
NÓS, AS MALDITAS Cecilia Bastos	42
VENEZIANAS AZUIS Eduarda Panstein Guerreiro	44
DIAS IGUAIS E DIAS QUE MUDAM O FUTURO Giovana Rios.....	45
ENTRE JANELAS E O AMANHÃ Mariana Prestes dos Santos Leonardi	47

ARTE NA VIDA, ARTE NO CORAÇÃO

Alice dos Santos Paulo

Lisa, nossa querida protagonista, tinha problemas de socialização e de autoestima. Nunca ligou muito para sua aparência mesmo porque tinha traços físicos “normais”. Além disso, ela realmente não sabia se devia amar-se por sua personalidade (por achá-la muito duvidosa).

Por ser problemática, não possuía muitos amigos, a não ser uma: Joana. Joana era extrovertida e realmente cheia de amigos, um pouco egoísta, mas não deixava de ter uma aparência incrivelmente bonita. Lisa não a invejava, mas se sentia desconfortável perto dela, pois se sentia excluída quando os amigos de Joana vinham falar com ela.

Os amigos de Joana pediram-na que os apresentasse à Lisa...

— Por que não deixa aquela sua amiga Lisa vir junto? — perguntou um dos amigos de Joana.

— Deixa ela lá, acho que prefere sempre ficar sozinha — respondeu Joana.

Lisa nunca viu Joana como uma amiga de verdade, por isso se afastava dela, com medo de que pudesse lhe fazer algum mal, ela nunca esperou que algo bom poderia vir para seu próprio futuro.

Para desabafar, Lisa não tinha ninguém, então dedicava sua vida à arte, desenhos e pinturas de quadros. Ela se expressava através das telas e se sentia bem quando terminava uma obra, nem sempre ficava bom, mas só por terminar já sentia-se melhor. E como gostaria de ter reconhecimento, ainda de maneira anônima, postava suas obras de arte na internet e sempre recebia elogios, sentindo-se bem com isso.

Certo dia, Lisa estava em seu quarto quando recebeu uma mensagem de Joana:

— Vamos parar de nos falar, acho você chata, vai atrapalhar minha vida social.

Lisa começou a chorar muito, não entendia o motivo de Joana a odiar tanto, sem contar que quem estava atrapalhando sua vida social era a própria Joana. Então, novamente abalada, decidiu desabafar através da arte. Fez um desenho significativo, não havia palavras para descrevê-lo. Mas quem o viu na internet, quando ela postou, sentiu seu sofrimento ao contemplar a obra pela tela do celular.

No dia seguinte, alguém comentou no *post* de Lisa: “Uau! Você é uma boa artista. Gostaria de participar de um concurso de arte? Estou recrutando bons artistas para uma disputa! O prêmio será um *kit* completo para um artista plástico, com os detalhes que você preferir e, dependendo de sua classificação no concurso, seu quadro ficará em uma exposição temporária no museu da cidade!”

Lisa ficou realmente entusiasmada, mas não sabia se ia ganhar esse concurso. Então, se

decidisse participar, ia preferir não revelar a ninguém.

Entrou em contato com o anunciante do *post* e informou-se sobre os detalhes do concurso, mesmo não sabendo se realmente participaria. E, surpreendentemente, identificou, na portaria de sua escola, alguns folhetos sobre o concurso, então percebeu que o projeto realmente era sério. Em um horário em que não havia estudantes por perto, ela foi pegar um folheto na portaria e, ao voltar, assustou-se.

Deparou-se com um garoto, parecia pouco maior do que ela, tinha um cabelo curto, que estava bagunçado, como se ele tivesse acabado de tirar o capuz. Até parecia ser legal, mas naquela hora....

— Ai, ai... desculpe-me, moço eu não... — disse Lisa um pouco preocupada.

O coração de Lisa disparou de nervosismo, quando olhou para o menino e percebeu que ele era um dos amigos de Joana. Sim, a Joana que se tornou arrogante, egocêntrica e interesseira pela sua popularidade.

Lisa fez um pedido ao rapaz:

— Por favor não conte à Joana que eu peguei aquele folheto, senão ela vai perceber que eu vou querer participar do concurso de arte e... opa! Você não escutou e não ouviu nada, ok?! — falou Lisa, incrivelmente nervosa.

— Fingir que eu não ouvi o que? Que você irá participar do concurso de arte? Relaxa! — respondeu o rapaz sorrindo. — Eu estava vindo do banheiro quando vi você tentando, discretamente, pegar o folheto. Não irei contar para Joana, ela já não merece minha amizade. — respondeu, simpaticamente, o garoto.

Lisa, por algum motivo, percebeu que ele estava sendo sincero, então perguntou o seu nome.

— Sou o Marco, muito prazer! E qual seria o seu mesmo? — perguntou Marco curioso.

— Lisa.

Marco deu um sorriso e então disse enquanto voltava correndo para sua sala:

— Ótimo, agora somos amigos, ok?!

— Eu nunca disse que somos amigos! — respondeu Lisa.

No dia seguinte, na hora do intervalo, Marco foi encontrar Lisa, já que provavelmente ela estaria sozinha. Quando a encontrou, Lisa tomou um susto.

— Procurando inspiração para sua obra de arte? — disse Marco em um tom irônico.

— Hahaha...muito engraçado — disse Lisa, no mesmo tom.

— Gostaria de procurar inspirações em qualquer lugar depois da aula, senhorita? Eu te ajudo! — perguntou, novamente de maneira irônica, porém falando sério.

Lisa topou. Achou que seria uma boa ideia, então sugeriu que fossem ao parque. Disse que lá ocorrem sempre várias coisas e emoções, e que gostava de ir a esse lugar para desenhar.

Algumas horas depois, os dois foram, de ônibus, direto da escola para o parque. Sua localização era central, portanto, passaram por vários cantos da cidade.

Lisa percebia em si, dois lados. O lado humilde, acolhedor e o lado rico e mesquinho. Achou que isso seria um ótimo elemento para uma crítica.

Quando chegaram ao parque, os dois andaram um pouquinho enquanto mantinham uma conversa divertida, até compraram sorvete. Quando Marco olhou para Lisa comendo sorvete, percebeu que ela realmente adorava aquilo, então ele começou a rir muito e ela ficou meio confusa.

— Pensei que você era mais fechada e preferia ficar sozinha — disse Marco.

— Ué, quem disse isso? Foi a Joana, não é? Eu tenho um pouco de dificuldade em socializar e fazer amigos, só isso, mas obrigado por ser meu amigo, acho que estava mesmo precisando conversar! — respondeu ela com muita felicidade em seu rosto.

Nesse momento, Marco teve uma ideia incrível.

— Por que você não tenta fazer uma obra inspirada no que você sente desde que conheceu a Joana? Sei lá, você não viveu muita coisa com ela? — disse Marco, enquanto olhava para o céu ao entardecer.

— Nossa, mas que... boa ideia! Eu conheci você ontem, mas até agora foi um dos melhores amigos que já tive, muito obrigada! — afirmou ela.

— Lisa pulou em cima dele para abraçá-lo e, nesse momento, acabaram caindo do morro em que estavam sentados divertindo-se e brincando de qualquer coisa até ficarem cansados.

Ao anoitecer, ambos foram embora para casa, e descobriram que moravam próximos um do outro. Quando Lisa chegou em casa, antes de dormir, fez a inscrição para o concurso.

Dois meses depois, o dia da revelação do resultado do concurso de arte finalmente chegou. Lisa estava quase atrasada, mas sabia que conseguiria alcançar a solenidade, mesmo tendo que se arrumar toda.

Ela convidou Marco para acompanhá-la ao evento e para a festinha que iria ter após o anúncio, nem ele sabia qual era a obra que ela tinha feito.

Enquanto Lisa estava a caminho, o evento já havia começado. Marco estava lá, à espera dela, foi quando ele olhou em volta e percebeu que tinha uma pessoa que, provavelmente, conhecia. Quando reconheceu a figura, já era tarde demais. Joana estava lá, e pelo crachá, em seu pescoço, ela também participava do concurso. Ela reconheceu Marco e como ele não estava com crachá, concluiu que era um convidado.

— Marco é você?! Por que não me disse que viria? Aliás, por que você parou de falar comigo nos últimos meses? Você estava sempre conversando com aquela Lisa? Qual é a relação de vocês dois? Quem é que te convidou como acompanhante nesse evento? — Joana o interrogava.

— Nossa, quanta pergunta! Não preciso responder nenhuma delas! — Marco olhou para o lado e abriu um sorriso — Lisa! Você demorou e...nossa! Comovocê está linda! Revolucionou os *looks* para um concurso de arte.

— Hahaha! Obrigada. — respondeu Lisa, enquanto Joana observava espantada.

Assim, logo anunciaram o resultado do concurso.

— Depois de muita análise por parte dos jurados, quem ganhou o *kit* foi... Lisa!

Lisa ficou muito feliz, nunca imaginou que ganharia algo assim. Depoisdisso, chamou muita atenção. Ela começou a fazer vários amigos, inclusive Joana até lhe pediu desculpas!

De uma Lisa introvertida, implorando por amizade, transformou-se na Lisa que tem até um namorado! O mundo dela teve uma evolução e avançou para o futuro graças ao seu esforço.

Mas o que mais importa é, o que estava dentro do quadro? Uma janela, com uma arte que só os melhores poderiam expressar, parecia a resposta a uma certa pergunta, parecia que dizia...

“Não podemos esperar, e sim, nos esforçar para termos o que queremos! Vivamos nossos sonhos!”

ATRAVÉS DA JANELA: O QUE ESPERAR DO AMANHÃ

Matheus Tonial

Todos nós, se não muitos de nós, já nos pegamos por diversas vezes diante de uma janela imaginária. Através dela, vemos reproduzido um mundo distante, diferente do que vivemos hoje. Idealizamos vidas, mas também sonhamos com tudo aquilo que um dia se tornará realidade.

Por muitos anos, uma humilde família morava em uma cidadezinha do interior, distante das grandes cidades. Adoravam a vida tranquila que tinham, simplesmente pelo fato de que a humilde casinha era em um lindo campo, com belas flores e uma grandiosa plantação, da qual conseguiam retirar seu próprio sustento.

Mas nem tudo em torno da família era tão tranquilo assim.

Miguel, um garoto de cinco anos de idade, o caçula da família, tinha uma grave doença. Ainda estava em fase inicial, pois ele apresentara sintomas mais graves apenas uma vez, porém a doença o impossibilitava de levar uma vida normal, como as demais crianças de sua idade. A doença tinha cura, mas o tratamento era caro demais e a família não tinha condições financeiras e nem recursos.

Miguel era um menino tranquilo e sua maior distração era olhar para os pássaros através da janela, assim passava horas e horas imaginando como seria boa sua vida sem esse problema de saúde. Ele poderia ter a liberdade dos pássaros, poderia correr, pular, brincar e fazer muitos amigos.

Os anos foram passando e, em 2019, durante seu aniversário de 13 anos, Miguel teve um mal-estar. Ele foi levado às pressas ao hospital, por sua família, estava pálido e com problemas respiratórios.

O menino precisou passar por alguns exames de emergência, mas os resultados não foram bons, o que levou os médicos a comunicarem aquilo que a família tanto temia. Miguel precisaria passar por uma cirurgia delicada e de emergência.

Como já era de conhecimento do hospital as condições financeiras da família, os médicos passaram, em meio a tanta angustia, uma boa notícia: o hospital realizaria o tratamento de graça para o garoto.

Após a notícia da cirurgia, que aconteceria no dia seguinte, Senhora Carmen, mãe de Miguel, chegou em casa e foi até a janela em que o garoto gostava tanto de passar seu tempo. Começou a contemplar os pássaros, assim como seu filho fazia, e começou a imaginar como seriam seus dias com ele saudável, correndo pelos campos, alegre e cantarolando.

No dia seguinte, chegando ao hospital, Carmen foi logo surpreendida pelo médico que realizou o procedimento cirúrgico:

- “Senhorita Carmen, a cirurgia do seu filho... foi um sucesso. E em breve ele estará em casa, curado e livre como um pássaro”. – Disse com um grande sorriso no rosto.

Até hoje, a mãe de Miguel conta essa história, em como ficou desesperada, orando e olhando pela janela, esperando a melhora de seu filho.

Assim como Miguel e Senhora Carmen, ficamos diante das inúmeras janelas da vida, esperando que algo de bom nos aconteça lá na frente, idealizamos nosso futuro, o futuro de nossos filhos, nossos projetos e sonhos.

Idealizamos e sonhamos com dias melhores, dias de paz, dias em que a compreensão e o respeito pelo próximo se tornarão mais frequentes na humanidade, fazendo do mundo um lugar melhor.

Essas janelas acabam nos dão coragem para seguir em frente, para trilhar nossos caminhos. Por isso, o mais importante é mantermos a janela aberta, para que não percamos o sentido da vida e nem de nossa direção.

DIÁRIO DE MOLLY, COMO SUPERAR?

Sophia Mariah Garcez

Olá, tudo bem? Sou Juliard, pronuncia-se JU-LI-AR-DE. Hoje narrarei um conto extraordinário, tocante e encantador de uma menininha conhecida como Molly...

A primeira página estava escrita:

Querido diário, meu nome é Molly, tenho 6 aninhos, meu pai é um grande trabalhador, por isso quase nunca está em casa, nem nas minhas apresentações de balé ou de piano, mas isso não me incomoda. Depois de um tempo, me acostumei, porque entendo os motivos dele. Ele põe comida na mesa todo dia e isso é maravilhoso e, sinceramente, bem GOSTOSO!

Eu moro com minha mãe, minha avó e meu pai, meu avô morreu com diabetes Tipo 1. Triste, eu sei, entretanto não me afeta, pois nem o conheci. O que me afeta mesmo é não entender o motivo de NÃO EXISTIR nenhuma CURA até hoje para esse doença.

Como meu pai nem sempre está em casa, eu e minha mãe somos SUPER, HIPER, MEGA próximas, a amo um em um milhão, como Tony Stark ama sua filha Morgan Stark, como eu sei disso? Ah, é simples! Minha mãe e eu somos fãs número 1 do “Homem de Ferro”.

Nós temos uma tradição que ninguém sabe, além é claro de nós duas. Essa tradição acontece toda sexta-feira 13, vamos até o parque center às 6h da manhã para lermos um livro, não há um título em especial, todos os anos mudamos o livro para não perder a graça.

Para mim, a melhor parte é quando têm folhas secas no chão, pois posso me deitar sobre elas para ler. Minha mãe, claro que não perde, ela se junta a mim e lemos juntinhas até 12h30 quando vamos almoçar.

.....

Até aí, tudo bem! A relação delas, como demonstrado, é perfeita, dos sonhos. Até que... não, espera! Ainda não é isso? Bom daí em diante:

Querido diário, estou tão feliz! Hoje é uma sexta-feira 13 e, como sempre, eu e minha mãe vamos ler um livro novinho. Ainda são 4h30, não consigo dormir de tão ansiosa que estou, acho que vou descer até a cozinha para comer algo.

Voltei! Não achei nada para comer... vou tentar dormir mais um pouco. Então... só consegui dormir 10 minutos, como isso é possível?

Minha mãe me acordou 5h40 para nos arrumarmos, mas eu nem lembro de ter dormido... isso é estranho. Descobri que livro íamos ler hoje: *****

.....

Não posso falar por direitos autorais, infelizmente. O resto do parágrafo é uma resenha sobre o livro, mas o próximo me surpreendeu, pois quando chegou perto das 11h sua mãe:

- Mãeeeeee! - gritei desesperada, porque ela tinha desmaiado repentinamente.

Acho que agora ela está melhor, vovó e eu a levamos ao hospital. De acordo com o médico ela está bem, mas terá que fazer exames, ele se inclinou para baixo, em minha direção, e perguntou:

- A mocinha permitiria que fizéssemos alguns exames em sua mamãe?

- Claro. - Respondi.

Os exames foram rápidos, nem uma hora passou, e mamãe estava no quarto do hospital dormindo. O médico chamou minha vovó para conversarem em particular. Isso me assustou, confesso. Normalmente, quando isso acontece em um filme, nunca é bom. Entretanto, eu tinha esperanças.

Na volta, dentro do carro, perguntei se algo em especial tinha acontecido. Minha vovó pediu para conversarmos quando chegássemos em casa. Dito e feito, ela levou mamãe para seu quarto, quando voltou, mandou eu me sentar. Meu coração estava a mil, e a conversa começou.

- O que vou lhe dizer não é muito bom...- disse vovó.

- O que? - Falei calma, mas em um tom triste.

- Sua mãe, aparentemente, foi diagnosticada com câncer de mama. O lado bom é que a doença está no começo, então existem chances de ela sobreviver!

Meu mundo desmoronou naquele momento, fiquei pasma, não soube lidar com isso.

.....

O que vem agora será terrível... tenho que contar mesmo? Passam alguns dias de escrita, após aquela sexta-feira 13...

Ontem, minha mãe foi internada com urgência, seu cabelo não existe mais, nem suas sobrancelhas. Para mim, não faz diferença. Com ou sem, a amo do mesmo jeitinho de sempre. Hoje, fui visitá-la, pedi para ficarmos sozinhas. Em homenagem à minha mãe, terminei de ler o livro e contei detalhe por detalhe. Ela, mesmo triste, abriu um sorriso enorme e disse que me ama mais do que tudo nesse mundo (entrei em desespero por dentro). Pediu para que eu continuasse com nossa tradição caso ela morresse, obviamente, eu disse a ela que isso não iria acontecer. Depois, me deitei ao lado dela e acabei dormindo, quando acordei, estava em casa na minha cama.

A pior notícia está por vir, apenas avisando vocês...

Eram 7h da manhã quando meu papai me acordou, perguntei porque ele estava em casa e com aquela cara triste e vermelha. As palavras ditas por ele foram as que mais marcaram minha vida:

- Ela não está mais entre nós.

Desabei em choro, desmaiei de tanto chorar, meu pai não me obrigou a ir para a escola, então faltei uma semana.

Mesmo já tendo passado uma semana, ainda dói e muito. Parece que nunca vai passar...

Minha melhor amiga Emanuela veio me visitar. Ninguém sabia do ocorrido, além das minhas professoras. Manu me perguntou como minha mãe estava, eu acabei não resistindo e comecei a chorar, nem precisei falar. Ela entendeu na hora, e veio me abraçar chorando também, ficamos abraçadas por vinte minutos, uns dos melhores abraços do mundo, só não melhor que o da minha mamãe.

Um dia depois, um advogado foi visitar nossa casa, para resolver questões relacionadas à herança. Ele me deu uma caixinha. No mesmo instante, lembrei que essa caixinha era da mamãe, ela amava tanto. Ninguém encostou ali além dela. Subi para meu quarto para abrir, dentro tinha um álbum e uma cartinha, e estava escrito:

“Oi Molly, se você está lendo isso, provavelmente eu faleci. Quero lhe dizer que você foi a melhor coisa que aconteceu comigo. Lembro de quando você era bebezinha, nem chorava, perfeita como sempre. Mas o que eu vim lhe falar não é isso. Mesmo que esteja doendo e eu sei que está, não vou mentir, nunca passa. Porém, a dor fica menor a cada dia. Não sei o que dizer, só que continue nossa amada tradição. Saber que você está bem, me conforta e isso nunca irá mudar. Cuide de seu pai e de sua vovó, eles te amam muito. Lembro de quando te vi pela primeira vez, era só eu e você naquela sala, mesmo com várias pessoas, não escutei nada nem vi nada, além de você. Seus olhos âmbar clarinhos brilhavam tão forte, e quando você me viu abriu um sorriso tão fofo. Para você sempre se lembrar de mim, deixo este álbum que fiz em homenagem a nós duas. Beijos, mamãe.”

Confesso que neste momento estou chorando de tanta emoção, de agora em diante vou aproveitar mais e mais minha mãe...

Hoje em dia, quando vejo que um obstáculo é grande, eu sei que não preciso passar por ele sozinha. Tenho uma amiga com quem posso contar, minha família ainda está comigo, e sei também que o amor vence tudo, o bem sempre prevalecerá, a amizade verdadeira sempre ficará conosco. Mas o mais importante é o AMOR DE MÃE, nem existe conceito, nem verbo, nem palavras para criar um sinônimo ao amor de mãe. É algo maravilhoso, que não é comparável. A mãe sempre amará seu filho, independente de como ele for, ela sempre cuidará. Não venha dizer que “minha mãe me abandonou”, porque querendo ou não, isso vai doer mais nela do que pensa, ela sabe que vai ter alguém que vai te amar. Igual não sei, mas parecido sempre terá, um amigo ou uma amiga, até mesmo um animal de estimação.

O que me conforta é saber que ela está bem e feliz e que, apesar da distância, a conexão e o amor entre nós duas sempre existirá, e mais forte que nunca.

O que quero concluir é que antes pensava o que ia ser de mim sem ela, e hoje sei que sou uma pessoa maravilhosa, com uma mãe espetacular. E que o futuro sempre reservará algo para mim.

Entendi que o futuro é como uma caixinha de presente, sempre existe uma expectativa sobre o que tem dentro. Às vezes, ao abrir, nos decepcionamos, pois não era o que esperávamos. Em outros momentos, ao abrirmos a caixinha, percebemos que estamos com um sorriso de orelha a orelha, pois era exatamente o presente que queríamos. Aproveite ao máximo, viva de forma única cada dia.

Hoje, Molly está olhando pela janela para o futuro, sabendo que o amanhã será melhor.

AS PERCEPÇÕES DE UMA GAROTA UM POUQUINHO CURIOSA

Clara Machado Theodoro

Durante a minha vida, sempre me disseram para acreditar nos sonhos, pois quem acredita alcança o que deseja. Mas meu pai também me falou sobre pessoas que destroem nossos sonhos e que isso nos machuca muito. Depois que ele disse isso, eu tive quase certeza de que ele já tinha sofrido alguma decepção. No entanto, não podemos também deixar que isso nos entristeça, pois o futuro do mundo está em nossas mãos.

Sigo acreditando, pois tenho sonhos para o futuro e, às vezes, imagino um lugar com máquinas do tempo e carros voadores. Na verdade, queria uma máquina do tempo para voltar ao passado, antes da morte de minha mãe, para poder salvá-la. Entretanto, acredito que isso só será possível em um futuro tão distante que nem sei se já não vou estar com ela no céu.

Minha mãe sempre falava que temos que manter nossas personalidades e nosso jeito de ser, pois não podemos agradar as pessoas se não nos querem daquela forma. Não temos que mudar para fazer amigos, mas sim encontrar pessoas que gostem de nós.

Não podemos escolher o futuro, mas as nossas escolhas o constroem, um passo errado pode mudar tudo e nosso caminho nunca acaba. Quando estivermos no futuro, as crianças de lá também vão responder a mesma pergunta que nos fizemos: “Como você acha que vai ser o futuro?”. Penso que o futuro, quando chegar, já vai ser presente.

Sempre me perguntei como seremos no amanhã, já assisti “A família do futuro” e “Os Jetsons”, mas sabe, nenhum deles me chamou atenção nem respondeu minha pergunta. Então, eu acho que as pessoas vão ficar muito ligadas em máquinas, que nem em WALL.E, um filme que fala do futuro, mas um amanhã que pode ser evitado.

Acho que nossa relação no futuro não vai ser mais como agora, em que conversamos “cara a cara”, penso que o contato será por telas. Bem, acredito que seria legal se desse para nos vermos em hologramas, como em “Wifi-Ralph”.

Será que teremos robôs ajudantes para tudo em casa? Isso seria muito legal!

Imagine, um lápis que escrevesse o que a gente fala ou um diário que abrisse com a digital. Não sei se isso já existe, mas eu gostaria de comprar! Vai ver que tem até submarinos em formato de tubarões para camuflagem. Enfim, são possibilidades infinitas.

Sempre digo que temos que ensinar para as crianças o que devem fazer para a natureza, pois elas serão o futuro do mundo. É possível que, um dia, uma garota que goste de política vire presidenta, ou prefeita.

Imagine se o mundo fosse invadido por máquinas como no filme “A família Mitchell e a revolta das máquinas”? Bom, nesse caso não saberia o que fazer, mas que seria legal, seria.

Acho que poderíamos ter mais máquinas, mas a natureza também tem que ser protegida, já que sem ela, a vida no planeta irá acabar e nunca teremos um futuro.

Por enquanto, continuarei com o presente e, mesmo que demore para o futuro acontecer, vou focar em proteger a natureza e a estudar. O futuro será o presente do amanhã, por isso, não esperarei sentada para meus sonhos se realizarem. Vou fazer com que ele seja construído através dos meus atos, pois se eu esperar ele não vai se realizar.

A JANELA DO AMANHÃ

Bruna Leticia Dainez

Emilly sempre foi uma adolescente muito solitária. Não tinha amigos humanos, só amigos animais.

Ela os amava, parecia que eles a entendiam e vice-versa. Entretanto, Emilly achava que era coisa de sua cabeça.

O sonho da garota era cuidar e proteger os animais e a natureza, por isso quando se tornasse adulta, seria uma ativista ambiental.

A coisa que a menina mais gostava de fazer, e que virou uma rotina matinal era, ao acordar, ficar observando, deslumbrada, o nascer do sol enquanto comia biscoitos na janela.

Certo dia, enquanto realizava sua rotina, um lindo pássaro de penas coloridas e pequeno porte entrou em seu quarto e começou a comer os biscoitos.

A garota ficou admirada com a beleza da ave, e queria saber o porquê de ela ter entrado no quarto. Então percebeu que era por causa da comida.

– Xô, passarinho, xô! Você não pode comer essa comida, vai te fazer mal.

O pássaro nem deu atenção a ela e continuou comendo.

– Já te disse, não pode comer isso. Fique aí, vou pegar uma fruta para você.

– Não precisa garota, obrigada. Já estou satisfeito.

Emilly ficou espantada por ouvir ele falar com ela.

– Espere, você falou comigo? Como? Animais não falam! – A moça disse, surpresa.

– Sim, eu falei com você e os animais falam, sempre falaram. Mas só pessoas boas que se preocupam com a saúde dos seres vivos e do ambiente que conseguem entendê-los.

– Como? E por que só pessoas generosas? – A garota perguntou confusa.

O pássaro então respondeu:

– Oras, porque você e os bondosos são especiais, Emilly. Existem tantas pessoas que não se importam com o meio ambiente e os animais, porém você se importa. Por isso consegue entender e falar com os bichos.

–Uau, que interessante, mas o que faz aqui? Você parece um animal muito cobiçado por causa de suas penas coloridas. – A menina perguntou.

Então o passarinho explicou:

– Bom, pelo simples motivo que, como você sabe mais do que ninguém, a natureza está sendo devastada a cada dia que passa. Isso significa que os animais vão perder seus habitats. Então, eu e os outros, precisamos da sua ajuda.

A menina ficou um pouco espantada pela resposta, não sabia o que dizer a ele. No entanto, ela amava muito o meio ambiente e os seres vivos. Essa seria uma grande chance de realizar seu sonho de ajudar o mundo.

– Esse é um trabalho complicado, eu não sei se consigo fazer tudo sozinha... – A garota disse hesitante.

O pássaro ficou um pouco desanimado, mas continuou na busca por convencê-la:

– Todos sabem que é um trabalho complicado, mas você consegue, Emilly. Aliás, eu e os outros animais vamos te ajudar. Nós vamos conseguir. Pelo menos vamos mudar o jeito como os humanos veem o ambiente, vamos fazê-los olhar ao redor, não somente para o próprio umbigo.

Com isso, ela e o pássaro viraram amigos e o tempo foi passando. Emilly conheceu outros animais magníficos, que nunca tinha visto, e fez amizades com eles.

A menina os ajudou de todas as formas possíveis, fez muitas ações voluntárias, mas isso não era o suficiente para restaurar o meio ambiente.

A garota viu que precisava da ajuda de outras pessoas, mas ela era jovem, os adultos não iriam escutá-la, o que mais poderia fazer para ajudar?

Uma ideia veio à cabeça: “Por que não realizar meu sonho? Não importa a idade, nunca é cedo ou tarde para fazer o que gosto. Acho que vou começar buscando mais pessoas que lutam pela mesma causa, depois fazer mais ações voluntárias, divulgar em redes sociais...”.

E foi exatamente o que ela fez, e adivinha? As pessoas começaram a apoiar sua causa, e a ajudar mais e mais o meio ambiente. Por essa razão, Emilly foi convidada a discursar para o mundo inteiro.

Os animais se encheram de orgulho, ela ficou extremamente feliz por ter ajudado como pôde.

Enfim, chegou o grande dia! A jovem estava muito nervosa, porém é normal, não? Porque falar para o mundo inteiro o que eles podem esperar do amanhã e o que podem fazer através da janela não é fácil.

Emilly chegou, e todos estavam prontos, todos estavam ali, assistindo e a escutando, até os animais.

– Olá, boa tarde! Serei direta. Bom, como todos sabem, a saúde dos animais e da natureza está comprometida, bem como a nossa, então se não cuidarmos deles vamos sofrer. Vim aqui para esclarecer que, se não enxergarmos o mundo com outro olhar, não esperarmos o bem do amanhã e nem fizermos o certo através da janela, isso quer dizer que, se não saírmos da nossa zona de conforto, se não ajudarmos a natureza e os animais, não vamos sobreviver. Precisamos agir rápido e positivamente. Vamos fazer coisas boas e felizes hoje, para não esperar nada menos que coisas boas e felizes do amanhã.

E assim, com este belo discurso, Emilly conseguiu um emprego como ativista ambiental. Claro que o pássaro e os outros animais ficaram orgulhosos da garota. A menina ficou muito animada.

– Falei que iríamos conseguir, Emilly! – O pássaro afirmou contente.

– Sim, realmente. Se todos observarem e realizarem coisas boas e esperarem coisas boas do amanhã, vamos conseguir mudar o jeito como agimos com os animais e com o meio ambiente.

CORAÇÃO COM CORDAS DE UMA GUITARRA

Bianca Pizzolato

Quando eu tinha acabado de sair do local em que derrotamos o supervilão, um repórter me parou e disse:

– Babi, o supervilão é o seu irmão, mas não pode poupá-lo.

Eu expliquei para ele que o supervilão real controlou o meu irmão, ele retrucou dizendo que ainda assim, ele fez parte do crime. Falou que eu sou um super-herói e eu fiz a minha parte deixando com as autoridades, mas as autoridades iriam prendê-lo do mesmo jeito.

Então eu fiz uma explicação a partir de uma frase muito importante, que muita gente não conhece, mas que todo mundo deveria saber...

- O coração é como as cordas de uma guitarra, os sentimentos são as mãos que tocam esse instrumento, então quando os sentimentos de culpa, desespero e raiva tomam conta, a mão parece que está com espinhos. Quando tocamos as cordas, elas tendem a estourar.

Continuei meu raciocínio, dizendo:

- Como meu irmão Babão teve esses sentimentos, ele não aguentou e, com essa oportunidade, o vilão que entrou na cabeça dele o transformou nisso. Não há nenhuma gota de culpa do Babão, nem de ninguém, porque basta uma pessoa parar, trocar essas cordas e deixar tudo bem. Não adianta nada ficar sentindo culpa e transformar sua vida. Esse vilão, o polvo, só queria ser reconhecido, e o sentimento de raiva das pessoas se misturou com esse desejo. As cordas dele estouraram, mas ele ainda não encontrou ninguém com a capacidade de trocá-las. No entanto, tenho certeza de que quando ele sair da cadeia e cumprir seu dever com as autoridades, terá alguém esperando por ele. Alguém que possa fazer isso por esse rapaz, que mudará o seu mundo.

Para finalizar, argumentei:

- Pense nisso, senhor repórter, e leve isso adiante, para criar um mundo melhor. Todos nós temos esse alguém, você só precisa encontrá-lo. Pois, mesmo sem mudar o mundo, com certeza mudará o seu mundo. Não importa se é um gato, se é um cachorro ou qualquer coisa, esse alguém te ajudará a ser melhor.

Ele me agradeceu e foi embora contando tudo que ouviu e anotou em seu caderno, mostrando ao mundo o que eu tinha dito. Inclusive, como se eu fosse a pessoa que mudou o seu mundo.

PERSISTÊNCIA

Manoela Postale Alves

Eram 08h37 da manhã quando eu recebi a carta.

Ela não dava muitos detalhes sobre como funcionava, todos os dados eram separados em pequenas metáforas, meu único trabalho seria solucioná-las. Tanto eu quanto eles sabíamos o quão boa eu era nisso.

Não foi difícil, eram apenas algumas perguntas sobre mim, como se eles não soubessem o suficiente, e o endereço de inscrição.

Aqui, no nosso país, as coisas são feitas assim, o governo, depois de abolir os jornais, tanto de TV quanto os impressos, nos mandam cartas. Apenas para quem eles querem, dizendo o que fazer e onde comparecer. Dessa vez, a carta trazia orientações para me inscrever em um novo jogo.

Levei os documentos até o lugar que eles gostariam que eu fosse. Quando cheguei, vi algumas pessoas conversando: a pessoa com quem eu tinha que falar e alguns outros homens do governo. Como eu já sabia o que deveria ser trazido, o homem não falou muitas coisas, só me indicou o que eu deveria assinar, onde deveria me posicionar e que o jogo começaria ainda hoje, coisa que eu não entendi.

Não era só eu que não sabia disso. Outras pessoas pareciam nervosas demais para quem sabia da data de início. Um dos homens, que aparentava estar esperando por alguém, aproximou-se:

— Acompanhem-me. — E saiu andando à frente. Aparentemente, nos levava a um grande salão. Não era um lugar alto, mas a pessoa mais alta do jogo conseguia ficar aqui sem se preocupar em se abaixar. As paredes tinham um tom branco azulado e o piso cinza, havia alguns beliches proporcionais à quantidade de pessoas que estavam ali.

— Vocês ficarão aqui por tempo indeterminado. As regras serão entregues mais tarde, agora é melhor se acomodarem nas camas. — Pelas roupas, era uma moça que trabalhava para o governo. — Assim como nos jogos anteriores, todos que estão fora daqui sabem o que acontece e como as coisas funcionam.

Ela desceu do pequeno palco, aparentemente feito só para isso, e saiu. Após se retirar, as portas pelas quais nós entramos, fecharam-se. Pouco depois, a porta pela qual ela entrou, igualmente se fechou.

Preferi seguir o conselho da moça e me arrumei na parte debaixo do beliche do canto, a parte de cima já estava ocupada. Pouco tempo depois, recebemos uma carta. No envelope estava escrito: REGRAS. Como dito, as regras estavam lá dentro.

“A pessoa que divide o beliche com você é sua mais importante companhia, nada pode ou deve separar vocês, nem vocês mesmos”.

Essa é a regra final e, por estar em negrito, provavelmente é a mais importante.

— Oi! — Apareceu uma garota do além. — Acho que agora somos amigas.

Nesse momento, odeio viver.

— Uhm, deixa eu ver, o que você mais gosta?

Sério isso?

— De quando me deixam sozinha e em paz. — Respondi. Não tenho vontade nenhuma de falar com ela, nesse momento.

— Tá legal! — Ela se deitou na cama superior.

Os dias passaram e a nossa amizade foi aumentando de uma forma inesperada, pelo menos da minha parte.

Em alguns dias, os jogos aconteciam, fazíamos as atividades com nossa dupla, e algumas eram eliminadas. Nós duas estávamos imersas no jogo, com nosso objetivo claro: ganhar.

A carta que recebemos, dessa vez, era diferente, possuía uma cor diferente.

“Um dos integrantes da dupla deve ser eliminado, escolham”.

Nós nos olhamos e, em choque, decidimos.

Levaram-me para uma sala específica, menor. Mais e mais cartas chegavam e eu fazia questão de não ler nenhuma delas.

Não sei quantos dias passaram, mas me tiraram da salinha.

Com eles segurando meus braços para me guiar, ouvi pessoas gritando.

Subi no palco, eles ainda gritavam. Não sei se me amavam ou me odiavam, mas gritavam.

— Aqui está ela, a nossa ganhadora. Você acaba de se tornar a mais nova representante da persistência, já que, mesmo com várias cartas indicando coisas que te salvariam, você continuou ignorando-as e acreditando em si mesma. — Disse a mesma representante do governo que estava no início do jogo.

Eles tumultuavam para alcançar os microfones próximo a mim.

— E foi assim que eu me tornei a pessoa que vocês conhecem hoje. — Disse aos jornalistas, que perguntavam como cheguei aqui.

A senhorita Martins, minha companheira de beliche, tornou-se a representante da curiosidade, já que na continuação do jogo ela manteve todos juntos pelo mesmo objetivo, a curiosidade. Inclusive, acho que era por isso que ela era tão animada com as provas, sempre quis saber o que aconteceria no final.

CAÇADOR DE MALDIÇÕES

Amanda Olicheski dos Santos

Nos confins de Sakura, região sul de um dos bairros mais nobres de Tóquio, existem coisas que um ser humano nunca pensou e nem imaginou que haveria.

Eu sou Denji Kei e sou um caçador de maldições.

Elas são monstros amaldiçoados que, entrando uma vez em contato, você se torna uma delas. Isso existe desde o fim do século 19, quando um jovem comeu um dedo sagrado de uma aberração que já estava enterrada, mas uma parte do corpo lhe proporcionava poder. Desde então, Sukuna, o Deus dos Mortos Vivos, está presente, multiplicando maldições.

Usamos Feitiçaria de Jujutsu para que possamos derrotar esses monstros horripilantes. Muitos de meus parceiros, morreram em missões enquanto cumpriam seu objetivo. Estou escrevendo isso em uma floresta flutuante, nada encosta em mim e já estou aqui há dois anos.

Meus parceiros procuraram por mim e nunca me acharam, então, voltaram para casa e deram a missão como fracassada. Meus filhos têm me procurado em meu bairro, minha esposa, parentes, amigos, acho que até já perderam a esperança.

Na floresta em que estou preso, consigo ver tudo o que estão fazendo, como uma televisão. Minha mulher conheceu outro homem há um mês, meus filhos choram esperando que eu volte um dia para o lar. As pessoas passavam por ali e não me viam, era deprimente pensar que eu viveria flutuando o resto da vida.

Até que uma moça passou por cima da poça na qual flutuo há algum tempo e caiu em minha bolha. Eu me espantei:

— Como conseguiu atravessar a proteção?

— Eu comi o dedo abençoado de Satoru.

— Sério?

— Sim. Eu já estive aqui antes!

— Não me diga que está aqui há muito tempo.

— Há dois anos.

— Mas você sabe que é só nadar até o fundo, não é?

— Não? Eu acho.

Eu e essa mulher, sempre gentil em querer me ajudar, conversamos sobre minha vida dentro da bolha. A bela dama havia ficado duas vezes no mesmo lugar e só saiu depois de adulta. Falou sobre o processo para sair daquele lugar encantador, mas enganoso. Ela me explicou que quando alguém fica muito tempo dentro da maldição, seria impossível voltar para casa. E não é que ela estava certa? O importante era que eu estava livre daquela bolha, e que minha vida agora era no Brasil.

O MENINO DA JANELA

Kenji M.Macedo

Era verão.

Eu me chamo Luiza e aproveitava minha festa de 16 anos, todos estavam lá: meus amigos, meu namorado e meus parentes. Eu escutei um barulho de balão estourando. Foi quando ficou tudo preto.

Quando acordei, deparei-me com uma sala de hospital vazia. A única coisa que conseguia ver, através da janela, era um menino que estava do lado de fora, ele só olhava para mim.

Pouco tempo depois, um médico entrou na sala.

— Olá, Luiza! Está se sentindo bem?

— Mais ou menos, o que aconteceu?

— Não tem jeito fácil de te dizer isso, mas você tem arritmia e se não acharmos um doador de coração, você pode morrer.

Logo depois, minha mãe entrou na sala, me deu um abraço forte e chorou muito. Na viagem de volta para casa, eu fiquei o tempo todo pensando se eu iria sobreviver.

Ia ao médico regularmente e o garoto sempre estava lá, do outro lado da janela. Até que um dia, eu fui falar com ele.

— Quem é você? E por qual motivo fica me olhando através da janela?

— Eu sou o Theo. Desculpe-me, mas não sei porque eu fico te olhando.

— Como assim?

— Minha vida não tem significado algum, todo dia eu acordo e penso que tudo vai melhorar, mas nunca acontece nada. Eu acho que olho pela janela para esquecer dos meus problemas.

Nesse momento, eu peguei nas mãos dele e o levei a uma cafeteria que ficava ali perto.

— Eu não tenho dinheiro.

— Eu pago, e não aceito não como resposta. Aliás, meu nome é Luiza.

Enquanto eu pagava a conta, meu namorado apareceu e me chamou para conversar.

— Eu quero terminar.

— O quê?

— Sim, eu não quero namorar uma pessoa que está quase morrendo. Faz tempo que eu estou tentando terminar.

Eu corri, chorando. Só queria ficar sozinha.

Sentei em um banco perto do hospital. O Theo sentou-se ao meu lado.

— Theo, vá embora.

— No dia em que você chegou ao hospital, meu pai morreu de câncer de próstata e ele ficava na mesma sala em que você estava. Todo dia, eu ficava lá, olhando pela janela, torcendo para que um dia ele saísse daquele hospital e voltasse para casa. Eu cansei de ter pensamentos positivos sobre o futuro. É isso, desculpe-me.

Naquele momento, eu só consegui dar um abraço bem forte nele. Senti que todos os meus maus sentimentos sumiram. Depois disso, nós nos encontramos várias vezes. Dia após dia, eu ficava mais amiga dele.

Mas, todo dia, eu pensava se teria um futuro, se conseguiria sobreviver.

Então, comprei ingressos para um show de uma banda que ele adorava.

Um mês depois, fui ao hospital para fazer exames e ele estava lá, com o braço quebrado, porque seu tio o torturava regularmente.

Ele implorou para eu não falar nada para o tio dele, mas eu o obriguei a ficar na minha casa. Depois disso, todos os dias ele chorava, então o convenci a ir ao psicólogo, ele aceitou.

— Olá, Theo. Conte-me o que te aflige. - Disse a psicóloga.

— Desde que meu pai ficou doente, eu tentei suicídio cinco vezes, meu tio me espanca, minha mãe me abandonou e eu não tenho amigos, mas nesse último mês eu fiz uma amiga. Não penso mais em me matar por conta dela, no entanto, por apanhar de meu tio, o vazio voltou.

Theo contou que a doutora disse coisas que amenizaram o seu sofrimento.

Nós fizemos uma festa surpresa de 18 anos para ele, nunca o vi tão feliz.

Ele me levou a um piquenique e, quando chegamos lá, me disse coisas lindas e no final um “eu te amo”. Minha resposta imediata foi dar um beijo nele.

No dia do show, estava tudo muito legal, mas eu senti um aperto bem forte e vi tudo preto.

Quando eu acordei, estava no hospital e o Theo não estava na janela. Então o médico entrou e me entregou uma carta.

“Oi, meu amor. Aqui é o Theo. No dia do show você quase morreu e precisava de um transplante e... adivinha. Sou, ou melhor, eu era compatível. Viva sua vida, pense o melhor do futuro, case e tenha filhos, já os imagino brincando. Como eu queria sentir o seu beijo uma última vez. Sentir o seu abraço uma última vez. Agora sempre terá algo meu dentro de você. Te amo”.

Nunca chorei tanto, nunca gritei tanto quanto naquele dia.

— Eu te amo, Theo!

Sempre, quando estou triste, toco no peito e penso nele. Que o futuro seja bom.

O QUE É NECESSÁRIO? AMOR? ESCOLHAS? PARA QUÊ?

Fernanda Manzolli Sobrinho

Essa história é sobre uma garota chamada Suzanna Safe, treze anos, cabelos totalmente brancos e olhos azuis claros, motivo que a fazia sofrer bullying na escola. Infelizmente, em sua casa, a situação não era melhor que fora dela. Sua família era composta por: pai, mãe, irmão e irmã. Eles nunca a valorizavam, independente do que fizesse, e seus irmãos eram quem ganhavam toda a atenção. Sem contar seus parentes nada unidos. Apesar de tudo, isso não a afetava, contudo...

Uma hora não dá mais.

Como disse, ninguém dispunha de laços afetivos, por conta de um segredo escondido nesse clã, não contado à menina, entretanto, há anos, foi decidido o enigma seria revelado perto de seu aniversário de quatorze anos, dia trinta e um de outubro. Dia do famoso Halloween em sua pequena cidade chamada Abaeden, pois o tema teria utilidade na circunstância.

Faltando apenas seis dias para o dia das bruxas, seus pais entregaram uma carta feita por sua avó, escolhida para contar. Repleta de interesse, correu para seu quarto e a leitura durou a noite inteira.

Parte da escritura era assim: “Se te entregaram este documento, é em razão de ter atingido uma fase de sua vida muito importante, como pode ver. Estou aqui para falar a respeito do poder dessa família, nem todos têm, fruto de um coração impuro. Agora deve estar se perguntando, como eu sei se você tem um âmago limpo, não é? Os únicos marcadores para isso são os cabelos esbranquiçados e olhos perfeitamente azuis, essas são as informações dos registros antepassados, se não acredita, confira o prédio abandonado outrora sede deste dom, localizado no centro da cidade”.

Abismada com o que acabara de ler, imediatamente, decidiu o que fazer. No dia seguinte, pediria ajuda para uma pessoa de confiança, embora as ordens fossem claras para não revelar a ninguém.

O dia nasceu e, sem perder tempo, chamou seu melhor amigo, Farmecssoun Montanher, para uma conversa séria, já que o garoto, em tempo algum, rejeitaria ajudá-la.

Por serem muito astutos, planejaram checar a informação à noite, ou seja, inventaram uma festa do pijama, na verdade, estariam no edifício, investigando. Após a organização, o dia passou rapidamente e, quando a noite chegou, tudo estava pronto. Farmecssoun estava na casa de Suzanna para a suposta festa.

Era madrugada, ambos estavam cansados para atingir o destino. Avistaram grandes grades e teriam que escalá-las, mas se caíssem, não haveria socorro, pois, arbustos espinhosos estavam do outro lado.

Quem se arriscaria primeiro? Safe criou coragem e iniciou a escalada, falando para o amigo que ele poderia vir. Na metade da estrutura, em torno de sete metros, uma das mãos da adolescente perdeu a firmeza. Ela tentou se sustentar apenas com a esquerda, mas não manteve o equilíbrio. Segundos depois, ouviu-se um barulho e, em seguida, notou-se uma coloração avermelhada no chão.

Pouco antes do estrondo, Montanher entrou em desespero, tentou ajudar e por pouco... conseguiu segurar o punho da amiga, fazendo com que não houvesse nenhum acidente grave, somente arranhões. O que era o líquido vermelho? Um suprimimento que agia como água oxigenada, de grande eficácia para prováveis ferimentos, recomendado pela avó.

Uma dica descrita na carta era: não deixar rastros, incluindo sangue, porque pessoas podem segui-las por causa de brigas antigas das famílias. Quando a garota estava caindo, cortou levemente o pulso. E, como fez muita força para continuar a escalada, o sangue não cessava, portanto, o “remédio” contribuiu muito.

Improvizando, ele rasgou um pedaço da camisa para usar de curativo. Executando com perfeição, estancou o sangramento, sem deixar vestígios.

A missão estava quase completa, faltava unicamente encontrar o caderno escondido, mencionado na carta. Minutos depois, encontram-no e saíram, são e salvos.

Dias passaram, e a garota finalizou a leitura da carta, bastava saber qual seria a escolha.

O poder tão estimado era o de mudar o futuro, a realidade com, exclusivamente, um sacrifício, sacrificar a pessoa a quem mais ama.

Farmecessoun a amava tanto que lhe disse: “concordarei com qualquer que seja a sua decisão”. Mesmo sabendo do risco, perderia a própria vida, porque, para ele, a felicidade dela era inestimável. Em outras palavras: morreria por ela.

Suzanna decidiu o que faria, já que o tempo limite era nesse dia, trinta e um de outubro, momento em que as forças do poder se tornariam mais intensas e úteis. Mas o seu parecer não foi exposto ao amigo, somente convocou-o a ir com ela.

A caminho do prédio, ela refletiu que o presente não era o que queria, e agora poderia muda-lo, mas compensaria sacrificar alguém que gostava, sendo que nunca mais poderia vê-lo? Por que essa pessoa não poderia estar inclusa no futuro escolhido?

Bateu o sinal da meia noite e seu amigo estava triste, por acreditar que seriam seus últimos momentos. Então, ela disse: “acha mesmo que jogaria sua amizade fora? Se for para ter uma vida sem você, prefiro não viver! Sempre te amei, Montanher!”.

Alegres, abraçaram-se, porém não tinham tempo, porque possuíam um objetivo. O desejo dos antepassados era o de destruir a raiz do poder. Por isso, antigos portadores colocaram dicas, nas escrituras para que alguém, no futuro, tivesse a coragem de mudar, ela era essa pessoa.

Como aconselhado, destruíram o livro, queimando-o. Mas um problema se instalou, as portas se trancaram e só havia uma janela no andar em que estavam. Então, deram as mãos e pularam de vinte metros de altura, sem perceber que o prédio pegava fogo, colocando fim em eras aterrorizadoras. Com consciência do amor que sentiam, a ponto de arriscarem a vida um pelo outro, salvaram as próximas gerações e deixaram uma escritura: “Amor pode curar! Você é quem cura e cria seu futuro, basta coragem para viver!”

Negaram-se a acreditar que só uma pessoa poderia decidir, como conclusão, deram suas vidas pelas futuras linhagens.

A MUDANÇA COMEÇA POR MIM

André Foletto

Era uma vez, uma sala de aula com vários alunos, porém tinha um grupo de estudantes que não se respeitavam. Isso não era legal, como eles próprios sabiam, gerava um desconforto aos professores e aos demais colegas da classe.

Como forma de amenizar esse problema, o professor de história pensou como seria o futuro e como poderia propor uma mudança para a classe, para que fossem uma turma unida, com mais respeito e felizes. Pensando nisso, o educador teve uma ideia e foi falar com o coordenador do colégio. Disse:

— O senhor poderia deixar eu fazer um concurso literário com os alunos, no qual pudéssemos desenvolver mentes e corações?

— Claro que sim, podemos trabalhar esse tema, não somente com essa turma, mas com todo o Ensino Fundamental - Anos Finais do colégio. Vamos divulgar o objetivo do concurso para que os alunos se empenhem na escrita e apresentem propostas de como mudar o mundo, mudando a si mesmos, refletindo suas atitudes em casa, na escola, no ambiente em que vivem. Porém, para que tenha êxito, devemos premiar os melhores.

— Que maravilha, vou verificar se algum pai pode nos auxiliar com a premiação!

No dia seguinte, a diretoria do colégio mobilizou todos os alunos a participarem do concurso. Foi grande a participação, pois todos queriam ganhar o primeiro lugar, já que seria premiado com uma cesta de chocolate doada por um pai de aluno, que ficou muito feliz com esse trabalho proposto pelo professor.

Foram muitos textos excelentes, abordando o tema proposto: “Através da janela, o que esperar do amanhã”. Sendo que, o vencedor foi o que escreveu que, “Nem tudo é do nosso jeito, temos que ter inteligência emocional quando recebermos uma crítica, discutir de forma pacífica. Não devemos desrespeitar as opiniões dos outros, pois nem sempre serão iguais às nossas. Sem ofender ninguém, mas de forma educada, devemos expor a nossa opinião. Isso começa na escola, para que possamos levar esse conhecimento para viver em sociedade, cuidando do próximo na escola, em nossa casa, em nosso trabalho, da natureza e de tudo que nos rodeia”.

O texto foi divulgado nas redes sociais e editais do colégio. E a escola começou a aprofundar o tema em todas as turmas, refletirem sobre como poderiam ser melhores para o mundo. O concurso obteve grandes resultados, pois foi observado, na turma que tinha um grupo mais crítico, a melhoria da convivência e respeito. Essa turma fez vários teatros e apresentações, demonstrando que a mudança deve começar por cada pessoa, ou seja, eu devo mudar primeiro para

que os outros mudem também. E o resultado vem de encontro ao lema do colégio, educar mentes e corações.

Com esse trabalho, idealizado pelo professor de história, apoiado pela diretoria e família, desenvolvido pelos alunos do colégio, os pais começaram a ver, através da janela, um amanhã melhor para todos. Com respeito às pessoas e suas opiniões, cuidado da natureza e dos animais. Os alunos fizeram um belo trabalho, pois mostraram que é possível transformar o mundo, para que fique cada vez melhor, começando por si.

O FUTURO DO PRESENTE

Carolina de Moraes Binder

— Lisa, acorde! — Minha mãe gritava.

Levantei assustada, esperando por uma explicação. Até que escutei vozes vindo da sala de estar. Já havia entendido. Tia Luíza acabava de chegar de viagem e, como sempre, veio fazer uma visita para contar o quão incrível foi.

— Lisa, o que está esperando? Levante-se e vá se trocar, temos visita!

— Tudo bem, mãe. Pode me dar licença?

Minha mãe se retirou e, antes mesmo de conseguir me trocar, minha tia entrou no meu quarto.

— Minha Lisa! Aí está você! — Disse tia Luíza, me puxando para fora do quarto e me levando até a mesa, na qual estavam sentados: mamãe, meus irmãos, meu tio e meus primos.

Confesso que me senti constrangida. Estava em frente a toda minha família, com cara de quem cochilou a tarde inteira. Devo admitir, não acordo de bom humor. Mas a alegria de tia Luíza era contagiante, não pude conter o sorriso.

— Quanto tempo, família! — Exclamou minha tia, enquanto tirava pacotes de sua mala gigante.

— O que é isso, tia Lu? — Perguntou meu irmão mais novo, Luigi.

— Vocês descobrirão em breve — sussurrou ela, em tom de suspense.

Logo depois, minha tia passou distribuindo pacotes. Todos ganhavam os maiores, até que recebi o meu. Não era grande como o dos outros. Era uma pequena caixa, dentro tinha um colar. Minha tia o colocou em meu pescoço.

Então, vi seus olhos se encherem de lágrimas. O que estava acontecendo? Nunca, jamais, tinha visto minha tia daquela forma. Ela estava tão sensível.

— Está tudo bem, tia Lu?

— Está sim, querida. Só estou um pouco emotiva.

Ficamos em silêncio.

— Ei! — Chamou minha tia. — Me promete uma coisa?

Fiquei preocupada. Respondi com um simples “claro”, acho que estava sem palavras.

— Você cuidará muito bem deste colar e nunca, jamais, o tirará do corpo. Promete? — Disse minha tia, ainda com os olhos marejados.

Não entendi muito bem o que estava acontecendo, mas fiz minha promessa.

No dia seguinte, comecei a me questionar: por que não perguntei à tia Lu se o colar era algo especial? O que poderia ter de tão importante nele a ponto de ela derramar lágrimas enquanto me

presenteava? Ele deveria ser muito, mas muito especial para ela. Ainda estava pensativa quando escutei minha mãe me chamar.

— Filha, venha aqui me ajudar com o seu irmão. Estou fazendo o almoço e não posso agora.

— Estou indo mãe!

Quando cheguei ao primeiro andar, me deparei com Luigi segurando algumas caixinhas de papelão, cola, tinta e tesoura. Já sabia o que estava por vir.

— Lisa, me ajuda a montar minha maquete? É um trabalho da escola.

Apesar de não conseguir tirar da cabeça o tal mistério do colar, não poderia dizer não ao meu irmão. Afinal, eu amava mexer com essas coisas.

— Vamos nessa! — Disse entusiasmada.

— Oba! — Comemorou Luigi. — A minha maquete tem que ser sobre a maneira como eu imagino o futuro.

— E como você imagina?

— Com o mundo cheio de robôs, máquinas, carros voadores, celulares e computadores muito evoluídos.

— Uau — disse dando uma leve risadinha. — Mão na massa, então, senhor Luigi!

Terminamos a maquete no final da tarde e, apesar de ter sido trabalhosa, estava contente com o resultado. Fazia tempo que não me dedicava tanto a um trabalho escolar.

— Lisa e Luigi, vocês arrasaram! — Disse mamãe.

— Nesse trabalho o Luigi tira 10, não é? — Disse eu de forma sarcástica.

Todos rimos e continuamos a apreciar a linda maquete.

À noite, estava na minha cama e fiquei pensando sobre a maneira que Luigi imaginava o futuro. Parecia algo tão distante da nossa realidade. Mas, e eu? Como eu imaginava o futuro? Eu realmente não fazia ideia.

Fiquei pensando e pensando, enquanto mexia no meu novo colar. Até que reparei que tinha uma pequena abertura naquela linda joia de prata. Comecei a tentar abrir. Estava com medo de quebrá-lo, mas consegui.

Assim que abri, vi muitas imagens. Não sabia do que se tratavam, mas estava fascinada. Eram lindas cidades, repletas de pessoas felizes. Aquilo parecia tão surreal, tão distante da nossa realidade. Poderia ser o futuro. Mas não tinha nenhum robô como Luigi falou, também não parecia existir aquecimento global, muito menos pessoas infelizes, iguais costumava ver em nosso planeta.

Depois de uns cinco minutos, fechei o colar. Não consegui dormir, passei a noite em claro pensando como aquilo seria possível no nosso futuro.

No dia seguinte liguei para tia Lu, que por sorte, podia vir.

— Tia! Que bom que pode vir!

— Oi, Lisa! — Gritou minha tia — imagino que esteja com alguma dúvida sobre o colar, não é?

— Como adivinhou? — Respondi à minha tia, enquanto a convidava para entrar.

— Bom, Lisa, agora você pode me perguntar o que quiser. Vou te responder tudo, ou pelo menos quase tudo.

Rimos.

— Qual a origem do colar? Para que ele serve? Aquelas imagens que aparecem, quando o abri, representam o futuro?

— Tudo bem, uma de cada vez. A verdade sobre a origem do colar eu também não sei, minha Lisa. Ganhei de minha tia, assim como você ganhou de mim. Ela apenas me pediu para que eu entregasse à minha sobrinha. Por isso, você terá que entregar à sua também. O colar serve para termos uma visão de um futuro melhor. Mas, o futuro depende da gente. Nós não chegaremos nem perto daquilo se não mudarmos. E, acredite, aquelas mesmas imagens são mostradas para várias pessoas há séculos. Nós nunca saberemos quando realmente irá acontecer.

Precisamos trabalhar no hoje se quisermos obter algo melhor para o futuro. É isso, pequena, espero ter lhe ajudado.

UAU. Eu estava sem palavras, dessa vez era de verdade. Finalmente havia descoberto a verdade sobre o colar e era muito além do que eu imaginava. As pessoas podem imaginar o futuro de maneiras diferentes, mas devemos sempre pensar no melhor e tentar mudar a partir do hoje.

Quem diria que meu irmão mais novo e a minha tia viajante me ensinariam sobre o que eu mais precisava aprender. Ainda estava encantada com o que havia descoberto, mas ouvi alguém me chamando.

— Lisa, acorde! — Disse minha mãe gritando.

A RESPOSTA ESTAVA DENTRO DE SEU CORAÇÃO

Livia Giorgia Fadel Ferreira dos Santos

Era uma terça-feira à tarde. Olhava para o céu, observava nuvens carregadas de um cinza deprimente e, naquela sala, onde o silêncio era uma palavra desconhecida para todos, vestiam as mesmas roupas e o quadro era grande. Lá estava ela, observando o céu e se perguntando o que esperar do amanhã.

Bem, ela não se referia ao tempo lá fora, mas sim ao futuro. “O que eu quero ser quando crescer?”. Era isso que ela queria saber. Uma pergunta que todos de sua sala já tinham a resposta, exceto ela.

A menina estava cansada em ser a única a não saber o que queria. Eram muitas opções. Ela tinha muito a escolher. Então, decidiu primeiro ver o que ela mais gostava. A área de exatas era um bom plano, porém ela não queria fazer isso pelo resto da vida. Humanas era interessante, mas havia algo que lhe interessava mais do que tudo, biológicas. Física, química, biologia era tudo tão maravilhoso... mas rapidamente ela cansava e percebia o quão difícil era escolher uma profissão.

Então, durante o recreio, a jovem pesquisou cada profissão que lhe interessava, mas nada agradava. Logo, ela pensou em falar com sua melhor amiga e pedir a opinião dela, afinal a amiga tinha decidido ser engenheira civil, dava para ver em sua cara que era uma fã de exatas. Só de ouvir a palavra cálculos, os seus olhos brilhavam. Mas toda conversa foi em vão, e mais uma vez a jovem se deparou com a indecisão. O recreio acabara, mas a jovem garota não encontrou nada. Ela tinha feito uma meta: encontrar sua profissão até o final daquele dia. Porém, seria algo tão difícil.

Na última aula do dia, a sala estava como sempre, todos conversavam, sem reparar que o professor já tinha chegado na sala de aula. Esperando todos se sentarem. O que era uma tarefa difícil, afinal, o professor sabia o quão divertido era conversar com o amigo. Porque ele já tinha sido aluno.

Mas o mestre tinha que dar sua aula, senão os alunos não teriam o conteúdo para última prova do ano. Foi aí que a jovem garota lembrou, faltava pouco para o final do ano, todos estavam cansados. Era o último ano daquele grupo de estudantes no ensino fundamental. No próximo, eles já estariam no ensino médio. “O temido ensino médio”, pensava ela. Dali para frente, seria estudar para passar no vestibular, decidindo o futuro de suas vidas. Preocupada com o fato, a garota nem percebeu que a aula tinha acabado, justo aquela que ela mais gostava, a que o professor era incrível.

Chegando em casa, ela decidiu perguntar aos pais o que eles queriam ser quando eram crianças. Seu pai queria ser jogador de futebol e sua mãe uma atriz.

Depois da conversa, ela foi pesquisar a formação de cada profissão, logo ela descobriu a única coisa que todas as profissões necessitam, o estudo. Com estudo é possível ser o que quiser,

basta se esforçar, foi o que ela pensou. Após esse raciocínio, lembrou da profissão que toda garotinha já pensou em exercer: ser uma professora. Um sonho de criança que estava guardado em seu coração. Desse modo, ela decidiu relembrar um momento de sua infância. Foi atrás de seus bichinhos de pelúcia, organizou-os em fileiras, pegou seus cadernos usados e o jaleco.

Brincou mais uma vez de professora. Na hora de guardar seus brinquedos, a jovem garota, cheia de dúvidas, decidiu se tornar professora. No dia seguinte, na mesma sala de aula, aqueles olhos já não olhavam pela janela do mesmo jeito, agora tudo o que eles queriam saber era como estaria o tempo amanhã.

EXPERIMENTO

Giovanna Wolter Cioffi

Um grito.

Toda vez que escutava um grito, percebia que estava mais perto da morte.

Hoje eles estavam mais calmos. Normalmente os gritos eram mais frequentes na parte da tarde, mas hoje não, hoje alguma coisa mudou.

Há exatamente um ano, eu fui trancada dentro dessa sala branca.

No começo, o recinto me lembrava aquelas salas acolchoadas, onde colocavam gente louca. Mas a minha era diferente, era acolchoada, contava com uma pequena privada, uma pia, uma cama, que já estava se desfazendo, e uma janela.

Aquela janela era a salvação dos meus dias, seu tamanho não devia ser maior que 30cm por 30cm, mas era o suficiente para manter o resto de sanidade que eu ainda tinha, depois de 365 dias trancada nesse inferno pessoal.

Presa aqui, não tinha como ter muita informação, eu sabia que era monitorada diariamente, por causa das câmeras, e que recebia três refeições por dia, mas tenho certeza de que colocam algo a mais na minha comida, ou isso, ou realmente estou começando a enlouquecer, e meu cérebro está tentando me dar um escape fazendo-me apagar. Como ainda tenho um pouco de fé em mim mesma, continuo acreditando na opção de que me drogam todo dia.

“Ploc, Ploc”. Era o barulho da torneira da pia que começou a vazar há, mais ou menos, três meses, se não estou enganada. Comecei a marcar os dias, depois de uma semana aqui dentro, quando percebi que estava mais longe de sair do que o esperado.

Usava uma das molas velhas e enferrujadas da cama para escrever nos estofamentos da parede.

No momento, eu me encontrava sentada no chão, olhando pelo pequeno buraco na parede que considerava ser uma janela e falando com o nada, às vezes soletrando meu nome ou só falando palavras ao acaso, já que precisava exercitar mais a minha voz, já fazia muito tempo que não conversava com alguém.

HANNAH, HANNAH, HANNAH...

Repetia meu nome, várias e várias vezes.

Eu não tinha a menor ideia do que iria acontecer amanhã, ou daqui a uma hora, mas eu continuava a olhar por aquela janela, esperando um sinal se quer, qualquer coisa.

Do outro lado daquele buraco, não havia pássaros, nem árvores à vista, apenas um céu de tom alaranjado escuro. Não tínhamos mais o céu escuro que comprovava ser noite, e isso só servia

para reafirmar que o mundo estava acabando e os próximos dias seriam iguais aos demais, um calor surreal e, às vezes, com sorte suficiente, a mãe terra nos proporcionava dias com menos de 30 graus, mas que já não aconteciam há algum tempo.

Como de costume, eu me preparei para o que acontecia todos os dias, já conseguia sentir meu corpo ficar mole, a vista começar a embaçar e sentir meus músculos do abdômen formigarem. Rápido assim eu apaguei, tudo por causa da maldita comida que era essencial para minha sobrevivência, que piada.

Quando acordei, a luz laranja clara já se fazia presente na pequena janela. Como todos os dias depois de voltar de onde quer que tivessem me levado, inspecionei meu corpo atrás de manchas, cortes ou qualquer coisa que pudesse me dizer o que diabos faziam comigo quando estava inconsciente, sempre tinham pequenos hematomas e cortes na minha pele, e hoje não foi diferente.

Tinha um furo e sangue seco no meu braço, como se alguém tivesse tirado meu sangue e tivesse sido descuidado o suficiente para não colocar ao menos um curativo, havia também hematomas por toda a extensão das minhas costelas.

Eu era uma cobaia para eles, não viam distinção entre mim e um rato de laboratório.

Prenderam-me aqui logo depois que descobriram que minha mãe, uma das cientistas mais renomadas que trabalhava para o governo, havia traído o PINH, “Programa de Integração de Novos Habitantes”. Minha mãe era um gênio, todos os outros cientistas com quem trabalhava almejavam sua opinião e aprovação.

Nossa vida era boa, tínhamos uma casa grande e bonita, eu estudava em uma escola legal em Washington, D.C., e minha mãe trabalhava para tornar os seres humanos mais evoluídos.

Quando eu nasci, 16 anos atrás, já se falava em uma catástrofe mundial provocada pelos descuidos dos seres humanos com o planeta, que os próprios habitavam, então a comunidade científica começou a falar em mutações genéticas, e minha mãe era uma peça chave nesse quebra-cabeça.

Na teoria era simples, queriam pegar uma parte do DNA, e fazer pequenas alterações para que algum dia, quando esse planeta se tornar inabitável, pudéssemos nos mudar para outro planeta e sobreviver nas diferentes atmosferas e temperaturas.

Aquilo era a esperança, todos acreditavam que iria dar certo, e que, no futuro, comeríamos macarrão em Marte. Isso não aconteceu tão cedo como planejado. Na prática, essas mutações genéticas não foram tão fáceis de se desenvolver, logo depois que os estudos iniciaram, várias pessoas das que estavam participando desse projeto começaram a morrer, o que deixou a população muito... furiosa, digamos.

Depois que a notícia de que pessoas estavam morrendo vazou, o governo decidiu encerrar o projeto, mas na verdade, eles só jogaram tudo por baixo de um pano enfeitado e continuaram a fazer

os experimentos.

Acredito que virei cobaia pela traição da minha mãe, por pura vingança, se não bastasse ela ter morrido, eles também precisavam acabar com seus descendentes.

Um grito, outro grito e mais outro.

De repente, uma sirene de alarme soou em minha mente, algo estava errado, não era comum todo aquele alvoroço de dia.

Uma fumaça começou a entrar no quarto branco, e eu me levantei de onde estava sentada na hora. “O QUE RAIOS ESTÁ ACONTECENDO?”

Corri até a porta, mas comecei a me sentir tonta. Fui direto para a janela, rezando para ter mais tempo, era minha única chance de respirar ar puro e não desmaiar em cinco segundos. Não deu tempo, caí no chão antes de conseguir chegar até a janela, minha visão começou a ficar turva, e meus sentidos já não estavam mais alertas como antes.

Antes de apagar completamente, consegui ver a porta sendo aberta e uma figura pequena e magra parada bem no meio.

— Vejo que temos uma guerreira aqui! Você foi a que resistiu mais tempo ao gás, querida.

ATRAVÉS DA JANELA: O QUE ESPERAR DO AMANHÃ?

Ana Julia Siqueira de Campos

A cada noite eu vivo um filme diferente. Hoje poderia ser sobre romance, ou suspense, até mesmo comédia, com um pouquinho de drama, mas eu nunca sei ao certo sobre o que será.

Em um passe de mágica, já estou em um escritório, sentada em frente ao computador, com vários números que não entendo, telefones tocando, pessoas andando de um lado para o outro, digitando rápido, e eu sem saber por onde começar.

Nunca entendi os que conseguem viver fazendo apenas uma coisa, que gostam de passar o dia dentro de uma sala cheia de pessoas que se dizem amigos, mas na primeira oportunidade te apunham pelas costas em troca de qualquer coisa. Agora é a minha vez de fazer café, noto o quão dedicada Bianca é, ela realmente quer essa promoção. Não a julgo, também gostaria de um cargo no qual teria uma sala só para mim, apenas corrigiria o trabalho dos outros e ainda ganharia muito mais, pena que não tenho a mínima chance de conseguir essa vaga.

Já acabou o expediente, e a única coisa em que estou pensando é o quanto quero estar deitada em minha cama.

De banho tomado, dentes escovados e pronta para dormir, fecho os olhos por cinco minutos e a campainha toca, já é dia.

Abro a porta e me deparo com o pior tipo de vizinho, o que reclama de absolutamente tudo.

— Bom dia, senhorita Raquel, posso lhe pedir um favor? — Ela me pergunta.

Não, não, não e não.

— Bom dia, senhora Sandra. — Automaticamente, sinto seu olhar ganhar mais um tom de reprovação, ela odeia que a chamem de senhora, o que é ridículo, o fato de você ser solteira, aos 50 anos, sem nunca ter se casado, não é bem uma justificativa para ser chamada de senhorita.

Retomo nossa conversa dizendo:

— Pode me pedir qualquer coisa, só não sei se poderei atender ao seu pedido.

— Apenas não faça tanto barulho quando chegar da balada às 23h da noite, existem pessoas decentes que querem descansar.

Simplemente assim, ela saiu, e me deixou plantada na porta, de pijama.

E eu nem fui para balada ontem.

Odeio trânsito, já deveria estar no set de filmagem há 30 minutos, o diretor iria me matar, não é a primeira vez que chego atrasada. Foi um dia cheio, cenas e mais cenas, roteiros e mais roteiros, quase sem descanso, só pensando que teria que refazer tudo isso amanhã.

Cheguei na escola, e me preparei mental e fisicamente para o que estava por vir. Gosto de crianças, são as criaturas mais sinceras do mundo, o que pode ser bom ou ruim e, na maioria das

vezes, é a segunda opção. Ainda assim, eu amo a sensação de estar perto daqueles projetos de seres humanos e saber que, de algum jeito, estou contribuindo para o futuro deles, espero que se lembrem, daqui uns dez ou quinze anos, a “fessora” que falava para não misturar as cores de massinha, ou dizia que era feio bater no coleguinha.

O consultório estava relativamente vazio, nada muito fora do normal, lesões leves, concussões resultantes de alguma prática de esportes. O caso mais sério, até agora, foi um corte com faca de cozinha que precisou de cinco pontos, então passei o resto do dia conversando com o meu secretário, ele é bem bonitinho, pena que tem namorada.

Voltei caminhando até a loja, essa semana foi uma loucura naquele lugar, todos os preparativos para a abertura, roupas e acessórios chegando, papelada que teve que ser assinada, funcionários sendo contratados, e eu, uma pilha de nervos! Ser dona de alguma coisa cansa bastante.

O resto da noite foi uma maravilha, cozinhando no meu mais novo restaurante, felizmente está indo muito bem, toda noite lotado, fila de espera e muitas avaliações boas, isso é a melhor motivação.

Criatividade é algo que vem com o tempo, o problema é que esse “tempo” nunca é quando eu preciso, criar uma coreografia é difícil. É necessário estudar a música, saber qual intenção você quer em cada movimento, ter um conhecimento sobre musicalidade, prestar atenção em todas as batidas, melodias e cada instrumento, mas nenhum som consegue me irritar tanto como esse:

TRIMMMM TRIMMMM TRIMMMM!

Seis e meia da manhã, segunda-feira.

Acordo ainda meio atordoada pelo sonho maluco que, mais uma vez, tive essa madrugada. Quando digo que sempre vivo um filme diferente ninguém acredita.

Esse negócio chamado futuro vem me atormentando há algum tempo.

Provas, ensino médio, vestibular, Enem e faculdade são as únicas coisas que tenho escutado nos últimos anos, mas a questão é que eu não sei nem o que irei vestir hoje, como saberei o que quero para minha vida?

O lado bom desses sonhos que ando tendo, é que eles me ajudam nesse quesito, já eliminei várias coisas que, com certeza, não são para mim.

Para falar a verdade, acho que ninguém sabe o que quer do futuro, as coisas podem mudar de um segundo para outro, em um passe de mágica você muda de opinião, muda de trabalho, de amigos, de carreira, mas essa insegurança que o amanhã traz é, de certa forma, uma sensação muito gostosa!

Tenho um pouco de medo do meu amanhã, no entanto, mal consigo esperar para poder conhecê-lo.

JANELAS DE UMA CASA

Andrei Neister Grzechechen

Em uma manhã, enquanto vários outros estão dormindo, um homem cuidadosamente, fechou a porta de sua casa e, envolto na densa neblina, encaixou seu chapéu na cabeça grisalha. Sem muitas coisas nos bolsos, ele guardou a chave, saiu de casa pelo portão do quintal e caminhou com um olhar indeciso entre os tons do amanhecer enevoados.

Acordado, não há muito tempo, coçou os olhos e arrumou as roupas que estava usando. Enquanto ele continuava caminhando, viu uma casa e reconheceu imediatamente, as janelas estavam abertas e era onde morava um amigo. Os dois não se viam desde a época da escola. Ao olhar para dentro da casa, seu amigo estava lá e também o reconheceu, chamou-o para entrar e conversar, pedido este que foi logo aceito.

Quando entrou na casa, estava igual era antes, passaram-se luas e brumas e as coisas continuavam iguais eram. Depois de conversarem, o homem retornou para sua casa pensando que, mesmo que muitos anos se passem as coisas boas não mudam, e que no futuro, levamos coisas do passado e fazemos coisas no presente.

UMA ALMA GÊMEA QUE NÃO ESTAVA DESTINADA A SER

Beatriz Franco de Godoy

O que eu espero do futuro?

Bom, essa pergunta seria a mais fácil de responder há alguns meses, o que eu espero, ou melhor, o que esperava do futuro era você, que se entregasse inteiramente por nós assim, como eu fiz por todos esses anos, eu esperava que parasse em minha porta e me dissesse o quanto você me amava e desejava, mais do que tudo, e que nós acabássemos juntos.

Eu esperava que mostrasse a mim o quanto mudou, que enxergava os meus defeitos, mas os aceitava, que percebia o quanto eu mudei. Que elogiasse meus cabelos, minhas roupas ou até mesmo o meu simples jeito de ser, que escolhesse a mim. Mas você tomou a decisão, você a escolheu, e agora, está de joelhos chorando e implorando por perdão, para voltarmos ao que éramos, mas adivinha só... o passado nunca volta, não importa o quanto você queira e peça, ele nunca volta, e o futuro?

O futuro é uma mentira, não tem como esperar por algo que você simplesmente não pode ver, ou se quer sentir.

Se eu sinto sua falta? Com toda certeza, mas esse sentimento não cabe mais dentro de mim e aqui eu venho me livrar dele, eu estou me libertando de você e de todas as madrugadas em que eu passei chorando sozinha no meu quarto. Hoje, eu percebo que, na verdade, nunca precisei disso, a resposta sempre esteve bem na minha frente, mas quando se ama, não se enxerga.

Ao te ver, pela primeira vez, éramos jovens demais e te vendo, agora, pela última vez, o sentimento é de que não crescemos. É como se tivéssemos parado no tempo. Sua presença ainda soa agradável como minha música preferida, mas tudo não passa de uma ilusão. Você não irá mudar, e eu poderia lidar com isso ou ir embora, e escolho te deixar para trás.

Quando se ama, não há expectativa da mudança do outro, você se encaixa, se dobra e desdobra até descobrir que o segredo para amar sempre esteve na compreensão.

Te amar não foi fácil, doeu e doeu demais, mas mais difícil foi dizer adeus.

Uma vez, ouvi dizer que quando amamos alguém, devemos falar, mesmo se tivermos medo. Eu tive muito medo, mas foi libertador, e o fato de não termos dado certo é apenas porque não era para nossa relação acontecer, nossas almas não estão destinadas a ser e hoje eu aceito, no entanto, minha mente continua me dizendo que, talvez você ainda sonhe comigo, porque eu sonho com você.

NÓS, AS MALDITAS

Cecilia Bastos

Com o amanhã, vem o sol, o peso, a consciência da existência cansada com a constante e turbulenta vinda da vontade de desistir.

Entre arbustos, os cachos castanhos se perdem dançando com o vento e se entrelaçam aos galhos cheios de espinhos. Dizer que não se machucou enquanto brincava não é uma verdade, portanto não pode ser dita.

Em meio à vontade imensa de me deixar levar por teus encantos, realocar cada pedaço fútil de minha existência, amaldiçoo meu eu, que virá à procura de respostas às tristezas secretas, trancadas no fundo do peito.

Despeço-me dos teus lábios salgados. Hoje somos a reflexão perfeita do oceano: molhados, enormes, preenchidos pelo vazio de nossa cor e poucas lembranças. Contrapontos nos invadem e nadam sob nossos medos, testando o quão profundos podemos ser.

Haja mais brevemente em suas despedidas, me destrua com paixão, como o fogo que grita irradiando brasa, quando ameaçam levá-lo embora.

Ao azul que se vai, beijo as estrelas, canto seu canto. Deixo que faça-me nova, igual a lua. Nascida como a manhã, laranja que reflete em seus olhos, estes que transbordam pelo mundo. Daqui para frente nada é impossível, se fosse, eu estaria disposta, da mesma forma, ao acordar, beijar seu rosto.

Empurrando as placas de madeira da janela de meu coração, coloque-se no meu lugar e me mostre sua visão, quero ver o mundo pelos teus olhos, pela sua graça escondida, que me instiga.

Sendo com você, o amanhã brilha constante, o céu cinza esquecerá sua vez.

Criança que brinca, chorona, perdida ao claro da nebulosa, me deixe passar por quem se tornou, me dê espaço para refazer seu caminho.

Somos nós, e sabe disso melhor que todos, as migalhas de sua história, que explicam onde viemos parar. Dói mais do que pensei.

Sabendo dos riscos, ainda assim, decidi me envolver com a sereia, que encanta e foge, afoga e mata.

Adora sua voz como outros já adoraram antes, por medo, não prometo, e de modo linear levo nosso amor. Continuamos por outra hora... amanhã... nosso dia... o final... ao vento.

Olhe-me nos olhos, por mim, mostre sua dor, a capacidade de amar nos faz mais fortes. Mesmo essa não sendo uma questão de ganhar, meu bem mais precioso foi um dia te ter em minhas mãos, tocar seu corpo; mera ilusão.

Debulho-me.

Fecho-me com temor de carregar a culpa. Vejo teus olhos molhados. Amanhã seremos outros, maiores.

Gostaria de poder ser agora, pelo menos, menor.

Trata-se disso, de não ser hoje de, quem sabe, nunca sermos nada.

Miseráveis nós do amanhã.

Perdidos no que nos faz vastos, nos tornamos seres pequenos com a esquecida voz do sentimento anterior sussurrando em nossos ouvidos.

Por trás das cortinas, não sabemos se caminhar, de fato, é a forma mais efetiva de continuarmos com isso. Há situações em que permanecer parados nos faz ir mais longe. Não é fácil convencer alguém que corre, de que o correto é esperar sem se mexer.

Quilômetros incontáveis, pés latejantes, por nós.

Os sons eram altos demais, tampavam meus ouvidos enquanto deixava em segundo plano a gigantesca avalanche, afinal, no outono nada disso importava.

Medir o tempo como se fosse menos difícil a tarefa – eufemismo babaca – quando nenhuma outra flor ousa nascer, sabemos que agora o solo não é tão fértil quanto antes.

O som ensurdece e acalma, deve bastar, foi o único que permaneceu. Quem sabe eu seja mais amiga do céu nublado nos últimos tempos.

Guiou seu caminho para casa e aponto para você, em seus olhos se faz a tempestade.

Tudo pode ser tão pouco; ontem. Ninguém deve ser obrigado a ficar; hoje. As estações sempre mudarão; amanhã.

Tateando as nuvens, escrevo no céu um alerta: "a garota de cabelos cacheados não é flor que se cheire, mesmo se camuflando junto delas".

VENEZIANAS AZUIS

Eduarda Panstein Guerreiro

Quantas lojas de janelas existem no mundo? Provavelmente, milhões.

Quantos vidraceiros existem no mundo? Provavelmente, alguns milhões também. Alguma loja como a minha ou vidraceiro como eu? Bem... duvido bastante.

Minha loja é um lugar pequenininho, parece até um antiquário do tipo mais bagunçado, mas ao invés de um monte de estantes cheias de relógios, xícaras, abajures e porta-retratos empoeirados, nela há janelas, janelas de todos os tipos, tamanhos e cores, encostadas e penduradas feito quadros nas paredes, algumas até pendendo do teto se duvidar.

Muitos dizem que elas parecem ter sido arrancadas das paredes de casas e colocadas lá, quase como uma exposição de janelas, e que tem algo de especial nelas, como se cada uma tivesse personalidade própria.

Eu sou aquele que enxerga as pessoas através das janelas, aquele que as tem como olhos e ouvidos. O porquê? Digamos que sou parte importante da vida dessas pessoas, e que preciso saber a hora de fazer a mudança, virar a chave, abrir seus olhos. Me viu fazendo um vidro novo? Pode ter certeza de que tem alguém deixando de “viver no piloto automático”. Quando alguém diz que “achou seu propósito de vida”, “abriu seu terceiro olho”, “desenvolveu seu sexto sentido”... Surpresa! O responsável por isso sou eu!

Toda janela começa do mesmo jeito: só um vidro com uma moldura de madeira simples, e à medida que seu “dono” se desenvolve, ela faz o mesmo, e fica cada vez mais parecida com ele. Eu já vi muitas janelas lindas se formarem, nunca vou esquecer de uma que se tornou uma veneziana antiga, de cor azul majorelle, com flores embaixo do mesmo tom.

Infelizmente, também já vi muitas janelas apodrecerem porque as pessoas tinham o potencial para torná-las mais bonitas, mas não acreditaram em si mesmas e continuaram “vivendo no piloto automático”... Epa, acho que ouvi alguma coisa quebrando, vamos lá dar uma olhada.

Ah! Aqui está. Essa janela quebrou, significa que a pessoa a quem ela pertencia partiu desta vida, e está na hora dos olhos de outra pessoa serem abertos.

Vejam... Bem, parece que a próxima pessoa da lista é você, então está na hora de eu te mandar para casa, para poder fazer a sua janela e você ser capaz de sair do “piloto automático”, para viver de verdade. Mas antes que você vá, quero te pedir que, por favor, acredite em você e não desperdice seu potencial, porque eu adoraria ver você se tornar uma linda veneziana.

A menina abriu os olhos e olhou em volta, seu relógio mostrava que era sábado, 8h15 da manhã. Quando levantou e foi até o banheiro para escovar os dentes, viu seu reflexo no espelho: o cabelo bagunçado, o rosto amassado e inchado, os olhos pequenos de quem havia acabado de acordar, mas nada disso importava, tudo o que passava por sua cabeça era: mas que sonho mais estranho tinha sido aquele!

DIAS IGUAIS E DIAS QUE MUDAM O FUTURO

Giovana Rios

Gritos. Muitos gritos. O barulho de ferro se chocando contra as grades que ecoavam pelos meus tímpanos, como se rasgasse meus ouvidos. “Levanta, vamos!”. Isso foi o que bastou para eu me levantar às pressas, por aqui não tem moleza.

No caminho que precisava percorrer, encontrei meu grande amigo, o Vitinho. Alguns chamam ele de “operário de sangue”. Por que ele tem esse apelido? Ninguém sabe. Mas aqui não tem esse papo de encher os outros de perguntas, se é assim, é isso mesmo e ponto! Nunca quis saber o motivo de ele estar aqui, se não, talvez, não conseguisse chamá-lo de amigo.

Entre no refeitório. Esse lugar, meus amigos, é uma guerra entre quatro paredes, mas a gente nunca está totalmente preparado para o que está por vir. Fui até a fila e peguei minha comida, que parecia uma lavagem, e vinha tão pouco quanto aqueles pratos que servem em restaurantes de ricos. Se reclamar, fica sem, então segui até meu lugar. Quer dizer, seguiria até o meu lugar. Avistei Vitinho e muitas pessoas em volta, já sabia que havia começado mais uma grande confusão. Tirei meu canivete do bolso, aqui ando sempre preparado. Os policiais parados, só olhando.

Ah, acho que esqueci de te dizer, mas se te contasse logo no início, perderia toda graça! Estamos em uma penitenciária, como costumam chamar a prisão. Aqui, nossos dias são todos iguais, nosso amanhã vai ser igual ao nosso ontem por longos anos, nosso futuro já é predestinado, a não ser que a gente mude, ou pelo menos tente mudar, alguma coisa. E são, exatamente, dias como esse, os atípicos, que podem mudar tudo.

“Vitinho!”. Foi o que consegui gritar antes de arremessarem um prato nas minhas costas. Aqui, na cadeia, tudo acontece muito rápido. O que era só uma briga por comida se tornou uma guerra entre gangues.

Nos poucos instantes em que fiquei largado no chão, antes de correr para tentar salvar minha pele, consegui me lembrar dos meus irmãos quando eram mais novos. Viviam brigando para ver quem conseguia pegar o maior pedaço de bolo ou o copo mais cheio de refrigerante. Essa lembrança valia uma lágrima escorrendo pelas nas minhas bochechas, mas não temos tempo para isso. “Vamos, corre! Corre!”.

O canivete, que eu estava me vangloriando por ter no bolso, estava na minha mão, e quando caí, foi arremessado para bem longe e já pertencia a outra pessoa. E antes, alguém que ia se defender e atacar, agora só corria.

Tudo acontecia dentro do previsto, para uma briga entre presidiários, até que a polícia entrou

na história. Uns três tiros foram escutados e muitos gritos. Olha, eu até pensei em fazer alguma coisa, mas a multidão passou arrastando todo mundo e me levou.

A festa acabou cedo. Nenhum ferido pela arma, os tiros eram só para assustar os presos e acalmar o tumulto. Enfim, Vitinho para solitária. João, que era com quem Vitinho brigara, para solitária.

Ao final do dia, alguns minutos antes de passarem para mais uma vistoria, antes de dormir, olhando por aquela janela tão pequena, que fazia o sol parecer tão quadrado, pensei o que eu devia esperar do amanhã. Outra briga? Dias iguais aos outros? Um milagre, como nos filmes, em que alguém paga minha fiança?

Até porque, o que eu podia ter feito antes de estragar meu futuro, não fiz. E olha onde vim parar. Mas agora, nada a perder e nada a esperar. Se eu ficar com a minha bunda sentada nesse concreto gelado todos os dias, pelos longos anos que passarei aqui, esperando algum tipo de milagre, com certeza vou a lugar nenhum. Uma pena não poder falar com meu amigo Vitinho, pois amanhã mesmo eu começo a colocar em prática meu plano de fuga...

ENTRE JANELAS E O AMANHÃ

Mariana Prestes dos Santos Leonardi

“Autoridades reportaram três novos assassinatos nas últimas vinte e quatro horas. De acordo com a perícia, as vítimas foram encontradas com ferimentos semelhantes. Os jovens Bryan Hope, Pietro Flockhart e Allie Wood foram brutalmente assassinados na última noite de quarta-feira. No entanto, seus corpos foram encontrados somente nesta manhã. Para esta noite de Dia das Bruxas, o Prefeito Phil Marsh afirmou aos moradores de Wingston que patrulhas policiais entrarão em ação ao anoitecer, garantindo a segurança dos cidadãos.”

A filmagem de um homem, então, aparece no televisor. Seus cabelos, perfeitamente alinhados, juntamente de seu terno gris, reluzem diante dos flashes das câmeras. Com um sorriso, não muito confiante, ele diz:

— Não garantimos nada do amanhã, mas esperamos apenas pelo melhor. Estamos quase des...

A televisão é desligada. O silêncio ensurdecedor estica-se pelo cômodo, enquanto uma garota, deitada com seus pijamas de algodão, levanta-se do sofá.

Ela solta o controle remoto no acolchoado da poltrona, girando em seus calcanhares e indo em direção às escadas.

Notícias como aquela estavam rodando pela televisão há cerca de duas semanas. E, em todas elas, novas mentiras e promessas incompletas saíam dos lábios do prefeito: “Esperaremos apenas o melhor.”

Como esperar o melhor quando, assustadoramente, seus colegas de escola estão sendo assassinados? Como esperar o melhor com um assassino caminhando pela vizinhança?

Adentrando ao cômodo, um desconforto atravessa sua espinha, dando-lhe um leve calafrio. Seus olhos acinzentados viajam para trás de seus ombros, observando a janela brevemente. Por trás das brechas das cortinas, não havia nada, além de crianças correndo fantasiadas pela calçada.

Ela volta sua atenção aos degraus, ainda refletindo sobre o depoimento do prefeito: “Não garantimos nada do amanhã.”

No segundo andar, seus pés, cobertos apenas por meias brancas, entram em contato com o gelado piso de madeira. Caminhando até a última porta do corredor, a garota entra em seu quarto, porém, algo logo atrás dela faz um estrondo. Ela volta alguns passos para trás, observando o local.

Seu corpo congela.

Uma figura fantasiada como um esqueleto de espantalho, está parada no fim do corredor, onde ela estava há poucos segundos. A máscara inexpressiva, faz o coração da garota cair em seu estômago.

Sua garganta implora para berrar, mas seu corpo encontra-se em choque, incapaz de fazer algo além de afastar-se.

Tropeçando em seus próprios pés, ela corre para dentro de seu quarto.

Escutando os passos apressados tentarem alcançá-la, ela bate a porta, procurando a fechadura com seus dedos trêmulos. Seus olhos endoidecem com a lembrança: a fechadura estava estragada há semanas.

Ela põe suas mãos contra a porta, tentando contê-la, mas as batidas ao outro lado da madeira eram fortes. Procurando, rapidamente, algo ao seu redor para segurar a porta, seus olhos alcançam a escrivaninha ao lado. Ela empurra seu corpo contra a madeira, tentando puxar a mesa próxima, mas, antes mesmo da mobília mexer-se, seu corpo é jogado até o meio do cômodo, enquanto a porta cai em um tempestuoso estrondo contra o chão.

A menina tenta levantar-se, calculando uma forma de escapar ou proteger-se. Mas, ao mesmo tempo, uma mão a agarra pelo pescoço, batendo sua cabeça com força contra o batente da janela, provocando uma dor na região. O mascarado, ainda apertando-a, ergue sua faca e a atinge em seu ombro esquerdo. Os cabelos da garota, uma vez platinados, agora enxarcam-se com o vermelho de seu próprio sangue. Uma dor torturante atravessa suas veias, ardendo diretamente em seu peito, onde a faca a atingia. Seus gritos de socorro são abafados pelas risadas das crianças que, há poucos metros dali, aproveitam sua noite de Dia das Bruxas.

Ela sente o sangue escorrer para longe de seu corpo, junto do ar de seus pulmões. Seu rosto, apertado contra a vidraça, por uma última vez, observa as árvores alaranjadas da rua, questionando-se em um último suspiro:

Como esperar algo do futuro, quando o amanhã não era mais uma opção?